

AS RAZÕES DO JUÍZO E DA CRÍTICA NA CRISE DO CINEMA

Júlia Casamasso Mattoso*

RESUMO

Tal artigo pretende tratar da discussão entre juízo e crítica na produção cinematográfica atual, levando em conta conceitos como o de indústria cultural, sociedade de massas e cultura de massas. Isso mostra de que maneira o cinema da nossa sociedade se transformou em puro lazer e entretenimento, procurando evidenciar que a obra de arte passou a ser reprodução automática de consumo, mais precisamente o cinema como padronização e adaptação. A indústria cultural manipula o cinema, que não precisa mais se apresentar como arte, mostrando-se apenas como mera ilusão da coerência e da possibilidade de escolha do sujeito. É preciso resgatar o espírito da arte de pensamento e reflexão, tal caminho pode ser construído através do juízo e da crítica, elementos fundamentais para o sujeito que pensa ajuizar a arte que lhe é apresentada. O problema da produção em série de modelos artísticos que se propagam e padronizam a criação exige do sujeito mais crítica, não menos. O papel da crítica e do juízo mostra-se fundamental, para equilibrar a situação de confronto entre arte e não arte.

Palavras-chave: juízo – crítica – cinema – indústria cultural

ABSTRACT

This article aims to deal with the discussion between judgment and criticism in the current cinematographic production, taking into account concepts like cultural industry, society of masses and culture of masses. This shows in which way the cinema of our society has turned into leisure and entertainment, trying to make evident that the artistic creation has become an automatic reproduction of consumption, more precisely the cinema as standardization and adaption. The cultural industry manipulates the cinema, which does not need to present itself as art, just doing it as simple illusion of coherence and the possibility of choosing the subject. It's necessary to rescue the spirit of the art of thought and reflection, and this can be built through judgment and criticism, fundamental elements for the subject that thinks of making a judgment of the shown art. The problem of mass production of artistic models that disseminate and standardize the creation demands more criticism from the subject, not less. The role of criticism and judgment is shown as fundamental to balance the situation of approach between what is

* Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: julia.casamasso@gmail.com

art and what is not.

Key words: judgment – criticism – cinema – cultural industry

A grandeza de uma obra de arte está fundamentalmente no seu caráter ambíguo, que deixa ao espectador decidir sobre o seu significado.

Theodor Adorno

Este artigo pretende pôr em discussão o papel do juízo e da crítica na produção cinematográfica atual. É evidente que o cinema nas últimas décadas tem se concentrado em sua maioria a uma produção de entretenimento, de pura diversão. Assim torna-se preciso analisar de que forma ainda podemos falar do movimento artístico, atravessando as hierarquias, procurando enfrentar o “mercado” para estabelecer um espaço de confronto de ideias e de disseminação de sentidos. Para falar dessa crise do cinema, primeiramente retomaremos temas como “Indústria Cultural”¹, cultura de massas,

¹ O termo “Indústria Cultural” foi cunhado pela primeira vez pelos filósofos e sociólogos alemães Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), a fim de designar a situação da arte na sociedade capitalista industrial. Membros da Escola de Frankfurt, os dois filósofos alemães empregaram o termo pela primeira vez no capítulo *O iluminismo como mistificação das massas* no ensaio “Dialética do Esclarecimento”, escrita em 1942, mas publicada somente em 1947. A *Indústria Cultural* é o fator primordial na formação de consciência coletiva nas sociedades massificadas, nem de longe seus produtos são artísticos. Isso porque esses produtos não mais representam um tipo de classe (superior ou inferior, dominantes e dominados), mas são exclusivamente dependentes do mercado. Essa visão permite compreender de que forma age a *Indústria Cultural*. Oferecendo produtos que promovem uma satisfação compensatória e efêmera, que agrada aos indivíduos, ela impõe-se sobre estes, submetendo-os a seu

sociedade de massas.

“Na opinião dos sociólogos, a perda do apoio que a religião objetiva fornecia, a dissolução dos últimos resíduos pré-capitalistas, a diferenciação técnica e social e a extrema especialização levaram a um caos cultural”². Com essas palavras Adorno começa o ensaio *A Indústria Cultural: o Esclarecimento como Mistificação das Massas* no qual sugere o caminho da massificação da cultura através do poder absoluto do capital. O autor demonstra que nos moldes da cultura de massas existe uma falsa identidade do universal e do particular, a qual os torna idênticos.

Eis por que o estilo da indústria cultural, que não tem mais de se pôr a prova em nenhum material refratário, é ao mesmo tempo a negação do estilo. A reconciliação do universal e do particular, da regra e da pretensão específica do objeto, que é a única coisa que pode dar substância ao estilo, é vazia, porque não chega mais a haver uma tensão entre os polos: os extremos que se tocam passaram a uma turva identidade, o universal pode substituir o particular e vice-versa³.

Sendo o mundo cultural aquele que abarca todo o passado lembrado através das nações e dos homens. Quando os objetos imortais do passado se transformam em objetos de requinte social e individual, com uma posição social correspondente, perdem a sua mais importante qualidade: comover e extasiar o espectador. Deixando de provocar o uso da faculdade reflexiva e de promover a efervescência de pensamentos e sentimentos. Desse modo, as obras de arte são impropriamente utilizadas, servindo somente a educação ou a perfeição pessoal. A filósofa contemporânea, Hannah Arendt nos diz que quando uma obra de arte é utilizada somente para acrescentar conhecimento sobre determinado movimento artístico, é como se ela servisse para tapar um buraco na

monopólio e tornando-os acrílicos (já que seus produtos são adquiridos consensualmente).

² ADORNO, T. HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução: Guido Antonio de Almeida – Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 99.

³ ADORNO, T. HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução: Guido Antonio de Almeida – Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 107.

parede. O pensamento da autora nos permite ir mais fundo, chegar ao significado íntimo da obra de arte, aquele que provoca sentimentos e pensamentos, aquele que disponibiliza ao sujeito a capacidade de sentir a si mesmo. A partir daí nos damos conta que o papel da arte não é de conhecimento, muito menos de utilidades objetivas.

A produção artística quando inspirada nestes princípios de utilidade para fins de conhecimento nasce do distanciamento das artes da realidade. A renascença das artes criadoras no século passado começa a afirmar-se quando a sociedade perde o monopólio da empresa cultural. A cultura perde-se cada vez mais como valor em detrimento da sua instrumentalização social, transformada em um meio de ascender a uma posição superior na sociedade. Torna-se num valor de troca, e quando isso acontece, inicia-se a transmutação e liquidação geral dos valores.

Talvez a diferença fundamental entre a sociedade e a sociedade de massas esteja no fato de que a sociedade sentia necessidade de cultura, valorizando e desvalorizando os objetos culturais como mercadorias sociais, usando-as e abusando delas para os seus próprios fins, porém não os consumia⁴.

A sociedade de massas não protege a cultura, mas os lazeres e os artigos oferecidos pela indústria do lazer, os quais são consumidos pela sociedade como todos os outros objetos de consumo. A cultura de massas não precisa de cultura e sim de diversão. O estímulo reflexivo e “embaraçado” da arte perde seu sentido na era da reprodutibilidade técnica. A facilidade de compreensão anula o pensamento e promove no espectador momentos de entretenimento, de descanso, não é preciso pensar. O pensamento se torna pesado, enfadonho, desnecessário, é preciso consumir aquilo que é mais fácil.

Infelizmente podemos dizer que hoje o cinema, com mais evidência que outras formas artísticas, rendeu-se profundamente ao investimento ostensivo da indústria da cultura. Os filmes se reduziram à exuberância da técnica, do trabalho e do equipamento, sem contar as fórmulas psicológicas. Os valores orçamentários se perdem dos verdadeiros

⁴ ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 6 ed. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 257.

valores artísticos. As grandes produções servem para impressionar, chamar atenção, provocar o entretenimento e a diversão, deixando o sujeito extasiado de tantas imagens e informações. E com a total ausência de pensamento e reflexão, desde o começo do filme já se sabe como termina. É tudo tão bem explicado que o sujeito não dispõe de um segundo sequer para ter suas próprias ideias. Esta indústria do efeito, do detalhe técnico e da performance tangível, alcançou o predomínio sobre a maior parte arte cinematográfica, que outrora fora veículo de ideias.

A breve sequencia de intervalos, fácil de memorizar, como mostrou a canção de sucesso; o fracasso temporário do herói, que ele sabe suportar como bom perdedor que é; a boa palmada que a namorada recebe da mão forte do astro; sua rude reserva em face da herdeira mimada são, como todos os detalhes, clichês prontos para serem empregados arbitrariamente aqui e ali e completamente definidos pela finalidade que lhes cabe no esquema⁵.

Tal esquema possibilita ao espectador se deslumbrar com as imagens, que seduzem o olhar e secam cada vez mais o pensamento. O belo se reduziu a seu aspecto superficial, demonstrando que o filme não produz ideias livres, porém, uma reprodução imediata. Adorno se mostra bem pessimista com relação à atividade cinematografia. O autor acredita que o cinema está fadado ao predomínio da técnica e a desvalorização de ideias e sentimentos. Afinal, dificilmente o filme permite juízos, pois o controle não está na mão dos espectadores. Esse pensamento de Adorno diz respeito a totalidade da sociedade de massas que se rendeu ao poder absoluto do capital.

O cinema mostra-se cada vez mais inclinado à precisão, ao controle absoluto sobre os sentidos, aos “clichês prontos” usados a todo o momento. Eliminando assim a liberdade de crítica e de juízos, as pessoas se deixam levar pelo enredo simples, pelas imagens exuberantes, parando de refletir. O pensamento de Adorno nos mostra uma alienação por meio da falta de pensamento e reflexão acerca da obra de arte, a saber, os filmes.

⁵ ADORNO, T. HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Tradução: Guido Antonio de Almeida – Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 103.

Atualmente, com a técnica arrebatadora, com o predomínio da tecnologia, do estilo e dos efeitos, a arte cinematográfica se rendeu a atrofia da imaginação e da espontaneidade. Os filmes quando são produzidos dessa maneira proíbem a atividade intelectual do espectador, deixando-o a mercê das imagens que desfilam velozmente diante de seus olhos.

Dessa maneira, reduz a arte a uma forma de entretenimento e diversão, ela para de transmitir ideias e pensamentos que levam o espectador a reflexão. A obra artística cinematográfica deixa de ser um *medium-de-reflexão*⁶, e passa a realizar uma atividade mais fácil, de entreter, de facilitar o tempo livre do homem. Promovendo consumidores de diversão, de entretenimento, o tempo livre é usado cada vez mais para consumir. É possível vislumbrar que o ideal de tais filmes é impor de forma impiedosa o aperfeiçoamento da técnica e reduzir a tensão entre a arte e a vida cotidiana.

Ultrapassando de longe o teatro de ilusões, o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra filmica permanecendo, no entanto, livres do controle de seus dados exatos, e é assim precisamente que o filme adentra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente com a realidade⁷.

Estende-se cada vez mais que os tempos de lazer e a indústria do lazer preenche essa necessidade. É pura hipocrisia social negar ao ser humano o direito de divertimento, mas os critérios e as fórmulas que regem a indústria do lazer são diferentes dos que norteiam a cultura. Assistimos hoje a uma sociedade sedenta de novos lazeres a apoderar-se da cultura para adaptá-la à indústria do lazer. O que não significa que a

⁶ É um termo que procura evidenciar a capacidade reflexiva da obra de arte, que mostra a obra como um meio para a reflexão. E também diz respeito às leituras, às críticas que de fato ampliam a obra. Aquela crítica que realmente adere à obra, tornando-a mais completa e ampliando sua recepção a outros sujeitos, como no juízo de gosto que deve ser comum a todos. “No *medium-de-reflexão*, na arte, formam-se sempre novos centros de reflexão.” (BENJAMIN, 2002 p. 79).

⁷ ADORNO, T. HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Tradução: Guido Antonio de Almeida – Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 104.

cultura se dissemina pelas massas, mas sim que a cultura pode se anular quando procura servir o lazer. Isso significa que a cultura é destruída para produzir entretenimento.

Os elementos culturais devem estar preparados para o consumo fácil, as horas de lazer são empregadas para consumir cada vez mais. Não existe propriamente uma cultura de massas, mas lazer de massas que se alimenta dos objetos culturais. Crer que tal sociedade será mais cultivada com o tempo e o trabalho da educação é um erro fatal. Uma sociedade de consumidores não é capaz de compreender a arte porque a sua atitude central perante todos os objetos é a atitude de consumo que implica na ruína de tudo em que toca.

Nesse mundo que vivemos hoje, fabricado pelo homem e preso nas garras da tecnologia, é preciso distinguir os objetos de uso e as obras de arte. Ambos possuem certa permanência que vai da duração ordinária a uma imortalidade potencial, no caso da obra de arte. Do ponto de vista da duração, as obras de arte são claramente superiores a todas as outras coisas. E são as únicas coisas que não têm qualquer função no processo vital da sociedade. Somente as coisas que existem independentemente de toda a referência utilitária e funcional podem merecer o epíteto de obras de arte, já que o critério de juízo de uma obra de arte é a sua beleza perante uma atitude desinteressada.

Diante dessa “crise cinematográfica” que foi possível demonstrar aos olhos de Adorno e Arendt, através de seus respectivos conceitos de indústria cultural e cultura, precisamos demonstrar agora alguns caminhos possíveis. Torna-se necessário achar alguma saída para o que ainda resta, como disse Sartre, para o que podemos fazer daquilo que foi feito de nós. O que ainda nos é permitido fazer pela arte, e principalmente pelo cinema como forma de pensamento. Tais meios que tornam possível uma liberdade dentro dessa indústria tecnológica, que se apoderou das artes, são o juízo e a crítica. Através dos quais o sujeito é capaz de refletir e exercer sua autonomia.

A postura kantiana do juízo reflexivo estético permite ao sujeito um uso diferenciado de

suas faculdades cognitivas, dando a si próprio a capacidade de ajuizar sobre seus sentimentos. Benjamin nos mostra uma nova perspectiva com a crítica de arte, que renova a própria arte através da filosofia. Traçando um paralelo de Kant até Benjamin podemos achar um modo de ser do sujeito diante de tudo que enfrenta hoje em relação às obras de arte. Uma resposta certamente positiva a toda crítica desenvolvida até agora.

Ao dar conta do juízo de gosto e da crítica de arte, duas palavras que mesmo soando paradoxais, a intenção é mostrar como ambas estão ligadas ao problema filosófico da recepção das “obras de arte” – cinema como obra. Apesar da terceira crítica de Kant estar longe de ser uma filosofia da arte, é possível enfatizar nela a importância da discussão sobre a arte. E acerca da tese de doutorado de Benjamin *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão* poderemos lançar um olhar privilegiado, que mostra-nos a formulação de uma filosofia centrada na crítica de arte.

Sem a beleza - radiante glória na qual a imortalidade potencial é manifestada - toda vida humana seria fútil e nenhuma grandeza poderia perdurar, diz Hannah Arendt. Assim, é possível vislumbrar que o sentimento da beleza é aquele que permite ao homem satisfação e reflexão, ideias e pensamentos. Com a problemática apresentada, parece que o juízo e a crítica perderam o lugar para a diversão e o prazer sensorial⁸. Kant propõe o juízo sobre a beleza como inteiramente subjetivo, pois depende unicamente do sujeito e de seu sentimento. E nesse patamar de subjetividade Kant mostra que julgar a beleza está intimamente relacionado ao refletir. É um juízo puramente reflexivo, que leva o sujeito a pensar e a se relacionar com o mundo e com os outros sujeitos.

Mesmo sabendo que cada sujeito é único na sua maneira de sentir, a reflexão ultrapassa essa barreira da individualidade, nos mostrando que refletir é sentir intelectualmente. E, partindo do pressuposto que todo sujeito possui a mesma

⁸ O *agradável* e o *bom* são os conceitos que Kant utiliza para designar os juízos sensíveis que possuem uma referência interessada. Sendo o agradável o que apraz aos sentidos na sensação e o bom aquilo que é entendido na simples razão. Estão ligados à faculdade da apetição condicionada pela complacência, não só pela representação do objeto, mas ao mesmo tempo pela sua existência.

capacidade intelectual, isto é, as mesmas faculdades cognitivas, podemos admitir que todos são capazes de julgar de maneira reflexiva. Abrindo assim a possibilidade de uma reflexão universal, afinal podemos refletir sobre diversos aspectos e de formas diferentes, mas utilizamos sempre os mesmos instrumentos, nossas faculdades da imaginação e do entendimento. Logo, um juízo que é subjetivo tende a universalidade a partir da maneira de julgar do sujeito. Este que ao sentir o *livre jogo*⁹ entre imaginação e entendimento, poderá julgar reflexivamente, e mais, estará oferecendo um tipo de argumento para todo e qualquer sujeito buscar o mesmo caminho no seu julgamento.

Esse juízo de gosto pode ser relacionado com a crítica justamente através da reflexão, porque a crítica de arte é a reflexão a partir da arte. O papel da crítica é de disseminação de sentido, ela procura espaço para o confronto de ideias, para a reflexão e o pensamento. Da mesma maneira que o juízo, mesmo fazendo uso de diferentes linguagens o juízo e a crítica procuram a abertura de sentidos e a reflexão do sujeito sobre a arte. E desse modo procuram também o reconhecimento de todos os sujeitos, uma pretensão universal através da conexão com o outro.

A crítica preenche sua tarefa na medida em que, quanto mais cerrada for a reflexão, quanto mais rígida a forma da obra, tanto mais múltipla e intensivamente as conduza para fora de si, dissolvendo a reflexão originária numa superior e assim por diante. Neste trabalho ela se apoia nas células germinais da reflexão, nos momentos positivamente formais da obra, que ela dissolve em momentos universalmente formais¹⁰.

Pressionada entre a desinformação generalizada e o isolamento provocado pela

⁹ Ao ajuizar de maneira reflexiva o entendimento sozinho não dá conta de aplicar um conceito determinante e a imaginação vai além de apenas reproduzir uma imagem (pois afinal não há um conceito prévio para o qual ela reproduziria uma imagem), ela passa de uma função reprodutora para uma função produtora (deixa a função esquemática e passa a exercer uma função simbólica). A imaginação torna-se espontânea, sendo ela livre e o entendimento indeterminado, ou seja, a imaginação produz uma imagem livre de um conceito indeterminado.

¹⁰ BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*. Trad., Prefácio e Notas de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 79.

linguagem especializada, a crítica parece ter perdido o território comum da discussão pública, na qual encontra o espaço determinante para o seu nascimento. A cultura de massas não possibilita o pensamento autônomo, por essa razão encontramos muita dificuldade hoje de falar de crítica como disseminação de sentido. As pessoas tem uma noção de crítica como “falar mal”, e não é isso que a crítica pretende, muito pelo contrário. A intenção da crítica é possibilitar uma reflexão daquilo que é verdadeiramente bom, cheio de sentido, e que leva a reflexão.

É através do juízo e da crítica que o indivíduo pode mostrar sua posição/decisão diante da “fabricação” artística, diante dessa crescente crise, na qual as artes se venderam ao consumo. É preciso chamar atenção para isso, pois o pensamento e a reflexão permitem ao sujeito autonomia, somente pela reflexão o sujeito pode se livrar dessa atrofia generalizada de pensamento. Entra em cena a questão da educação e principalmente da educação para a filosofia, a educação para o pensar, um aprender que só se dá no *sendo*. *Não se ensina filosofia, se ensina a filosofar*. É preciso se dar conta, é preciso espantar-se diante do mundo, a reflexão é uma forma de ser que toma o sujeito, que faz com que ele se permita pensar o impensável.

A partir de agora podemos vislumbrar que a retomada do juízo reflexivo da terceira crítica de Kant, e a abertura crítica da obra de arte com o pensamento de Benjamin, possibilitam um pensar alargado. Apontam a saída para esse caos, mostrando que ainda é possível extasiar-se diante da arte. Na verdade é preciso, pois a obra de arte é justamente esta que permite sentimento e pensamento, e somente esta.

A autonomia e a absoluta singularidade da arte devem procurar destruir e eliminar seus critérios hierárquicos para promover uma relação de identidade entre a vida e a arte. A constituição estética deve ser designada como uma *partilha do sensível*¹¹, ou seja, a condição estética da arte deveria ser partilhada por todos igualmente. De acordo com

¹¹ Termo utilizado pelo filósofo contemporâneo Jacques Rancière em seu livro *A partilha do sensível*. Significa a igualdade da condição reflexiva estética.

Kant e Benjamin, a arte deve levar a reflexão. A crítica e o juízo possuem o papel de disseminar tal reflexão. Assim, na crise do cinema, e na crise das artes como um todo, torna-se preciso mais crítica e não menos. Entre tudo poder ser arte e qualquer coisa de fato reside em uma diferença fundamental, na importância de se discutir o papel da crítica e do juízo na atualidade, sua participação no processo de criação e disseminação de sentido.

No cinema torna-se pungente a necessidade de crítica e de juízos, o filme reúne diversos aspectos, o diretor é um pintor. O ator é o sentido e a expressão, o filme possui elementos de diversas influências artísticas. É como se um filme fosse uma união de formas artísticas. O papel da crítica e do juízo mostra-se fundamental, para equilibrar a situação de confronto entre arte e não arte no cinema e nas obras de arte em geral. Nem o juízo e nem a crítica têm função de criar polêmica, mas sim devem promover um espaço que o sujeito seja ativo demonstrando e reivindicando seu gosto. Criando assim um lugar para o confronto de ideias. Para possibilitar o pensamento reflexivo e criativo do espectador e do criador.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T. HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução: Guido Antonio de Almeida – Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ARENDT, Hannah. *Lições sobre a Filosofia Política de Kant*. Trad. André Duarte de Macedo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

_____. *Entre o passado e o futuro*. 6 ed. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*. Trad., Prefácio e Notas de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002.

KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Trad. Valério Rohden e Antônio Marques. 2. Ed - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2005.